

## VÍNCULOS MIGRATÓRIOS E INTERAÇÕES DIGITAIS: NOVOS ARRANJOS DISPOSICIONAIS NA CUBA TRANSNACIONAL<sup>1</sup>

Angela Cristina Salgueiro Marques<sup>2</sup>  
Elisa Beatriz Ramirez Hernandez<sup>3</sup>

### Resumo:

Este artigo explora os vínculos transnacionais consolidados pela experiência migratória de Cuba durante várias décadas e sua ligação com o atual contexto digital na Ilha. A partir de uma aproximação das potencialidades teóricas do conceito do dispositivo foucaultiano no campo da Comunicação, busca-se compreender os arranjos presentes nas interações transnacionais e seu impacto na experiência cotidiana dos cubanos. A proposta metodológica abrange a identificação dos elementos que definem o recente desenvolvimento digital cubano em relação com os fluxos transnacionais migratórios, assim como a análise de uma narrativa construída em torno de um caso empírico, através de vários espaços físicos distantes e de plataformas digitais interconectadas. O texto mostra como atores e ambientes comunicativos configuram a circulação de imagens e enquadramentos discursivos, revelando assim a imbricação de múltiplas linhas de força em uma certa disposição e arranjo de elementos midiáticos e políticos em meio à experiência da dupla mobilidade física e virtual.

**Palavras-chave:** vínculos migratórios cubanos; interações digitais; arranjos disposicionais; narrativas transnacionais.

### Abstract:

The article explores the transnational ties consolidated by the migratory experience of Cuba for several decades and its connection with the current digital context on the Island. Based on a theoretical approach to the potentiality of the concept of the Foucaultian *dispositif* in the field of Communication, we aim to understand the arrangements on the transnational interactions and their impact on the Cuban's daily experience. The methodological proposal comprises the identification of the elements that define the recent Cuban digital development in relation to transnational migratory flows, as well as the analysis of a narrative elaborated around an empirical case, through various distant physical spaces and interconnected online platforms. The text shows how actors and communicative environments arise in the circulation of images and discursive framing, thus revealing the overlap of multiple lines of force in a certain array of media and political elements amid the experience of both physical and virtual mobility.

**Keywords:** Cuban migratory ties; digital interactions; arrangements of *dispositif*; transnational narratives.

---

<sup>1</sup> Este artigo resulta de pesquisa que conta com o apoio da Capes e do CNPq.

<sup>2</sup> Professora Associada do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Doutora em Comunicação Social pela UFMG (2007) e mestre em Comunicação Social pela mesma instituição. Realizou pós-doutorado em Comunicação e em Ciências Sociais na cidade de Grenoble (França). Email: angelikyt7@yahoo.com.

<sup>3</sup> Doutoranda em Comunicação no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Formada em Jornalismo pela Universidad de La Habana (2011). Email: elisabeatriz88@gmail.com.

## Introdução

Este artigo busca trazer luz sobre alguns elementos que caracterizam o panorama contemporâneo de mobilizações online possibilitados não só pelas conexões em rede, mas também pelos deslocamentos físicos, a partir de possíveis aproximações com uma abordagem transnacional que nos permita estudar fenômenos inseridos num contexto de ativismos digitais em escala global (MAIA et al., 2018; PROULX, 2012; GEORGE, 2002, 2014). As múltiplas manifestações do engajamento e o ativismo digital hoje dizem respeito também a uma dimensão multiespacial e multitemporal que atravessa e configura os espaços físicos das comunidades, das cidades, das nações; o âmbito virtual de múltiplas plataformas; a historicidade dos processos sociais que estão sendo reconfigurados nesses e por esses ambientes online; assim como o choque de temporalidades entre gerações que se relacionam diferentemente com as tecnologias (PRUDÊNCIO, 2018). Nesse sentido, propomos como estudo de caso um recorte do contexto atual de Cuba, uma sociedade marcada por várias décadas de êxodos migratórios e um recente desenvolvimento do acesso à internet, buscando compreender como essas múltiplas espacialidades e temporalidades são articuladas em uma dinâmica de comunicação digital transnacional (RAMIREZ HERNANDEZ; FAZITO, 2019).

O sistema político cubano atual, socialista e unipartidarista, é resultado do processo de Revolução que iniciou-se em 1959 e que, ainda que tenha trazido grandes transformações sociais em favor dos setores populares (por exemplo, educação e saúde universal, etc.), acabou por centralizar na figura de Fidel Castro e do Partido Comunista de Cuba (PCC) não só os meios de produção, mas também os espaços simbólicos e culturais. Assim, configurou-se um sistema midiático à imagem e semelhança das diretrizes governistas, de estilo soviético e sob o controle da direção político-ideológica do Partido, que pouco ou nada admite em termos de crítica contra o sistema e seus líderes.

Por outro lado, apesar das estritas regulações do governo também no âmbito migratório, Cuba é hoje um país atravessado pelo efeito de êxodos migratórios de longa data, que geraram uma diáspora de mais de 10% da população da Ilha, assentada fundamentalmente na cidade estadunidense de Miami (AJA et al, 2017). A emigração ocorrida nas primeiras décadas da Revolução, fundamentalmente para os Estados Unidos, era considerada uma “traição à Pátria” pelo governo da Ilha, de forma que as tensões políticas entre ambos os países determinaram regulações migratórias restritivas para Cuba,

com uma contrapartida nas leis dos EUA que estimulavam e privilegiavam os migrantes cubanos que chegavam em terras americanas. Os vínculos afetivos entre cubanos de dentro e de fora do país (familiares e amigos) colidem, entretanto, com o conflito histórico que marca as relações bilaterais entre Cuba e os Estados Unidos. Após mudanças nas gerações migratórias, no próprio processo revolucionário cubano e nas condições existentes nos países de origem e destino, o que era considerado inicialmente como um exílio político anti-Castro foi se assumindo como parte das dinâmicas migratórias mundiais (AJA et al, 2017).

Nesse sentido, a concepção da migração sem retorno nas primeiras décadas revolucionárias, marcada pela ausência, pelo repúdio e, muitas vezes, pelo enfraquecimento dos laços com o país de origem, adquire hoje outras conotações em um contexto de maior circularidade nos deslocamentos e, conseqüentemente, de um aprofundamento nas relações transnacionais que impactam o imaginário político cubano (sobretudo a partir das medidas de flexibilização migratória adotadas por Cuba em 2013 e 2018).

Na atualidade, após a saída de Fidel Castro do poder (embora continue a mesma estrutura política), observamos a emergência de novos arranjos sociais a partir de algumas reformas econômicas impulsionadas pelos governos seguintes (ainda do PCC), a flexibilização de certas leis migratórias e a ampliação de possibilidades de conexão à internet, que não existiam até 2015. A expansão (gradual e controlada) do serviço de internet em Cuba começou nos anos 2000 em espaços institucionais, como universidades e empresas estatais, de forma que a maioria dos usuários eram funcionários públicos e profissionais que deviam seguir diretrizes governamentais sobre usos e criação de conteúdo na web. Posteriormente, a recente habilitação de redes de conexão sem fio (*wifi*) em espaços públicos do país (praças, salas de navegação, lugares de lazer etc.), a partir de 2015, possibilitou o acesso a qualquer pessoa com um aparelho apropriado, que soubesse acessar a rede e pudesse pagar pelo serviço. Assim, passou-se do ambiente institucional altamente restrito ao consumo em espaços ampliados de socialização, até chegar, a partir do ano de 2018, à extensão ao âmbito privado do lar e à conexão 3G em dispositivos móveis (RAMIREZ HERNANDES; MARQUES, 2019).

Contudo, esse acesso “público” fica ainda condicionado por outros fatores de tipo institucional e econômico: o bloqueio de vários endereços URL no interior da Ilha, por serem considerados sites “subversivos” ; a navegação monitorada através do servidor nacional Nauta que viabiliza a conexão à internet na Ilha; o monopólio das

telecomunicações no país pela *Empresa de Telecomunicaciones de Cuba* (ETECSA); o alto custo dos serviços pago por tempo de uso, que fica ainda mais caro devido à lentidão e precariedade da conexão; as tarifas que privilegiam a navegação por domínios nacionais, etc. Os altos preços desses serviços não correspondem à média salarial em Cuba, de forma que a conexão, quando é privada e não institucional, fica condicionada a fontes econômicas alternativas que geralmente são provenientes do setor privado e de remessas migratórias.

Apesar dessas condições, percebe-se claramente um aumento da conectividade na Ilha. Após a implementação dos pontos de acesso wifi em Cuba (2015), a quantidade de usuários de internet aumentou de 27%, em 2014, para 40% em 2016 (ONEI, 2017, p.7). De acordo com um relatório recente das agências especialistas em mídias sociais *We Are Social e Hootsuite's*, 51% da população cubana se conectava à internet no ano de 2018. Contudo, é preciso acompanhar a atualização desses dados após o início do serviço de conexão 3G em 2019. As condições de desenvolvimento (tardio) da conexão em rede para os cubanos configura talvez uma dinâmica digital paralela às tendências mundiais (como os países capitalistas que são destino migratório dos cubanos). A rede social digital Facebook, por exemplo, tem dominado o 87,17% do tráfego nacional de redes sociais na web cubana no período de 2012 a 2017 (PÉREZ, 2017).

Nesse contexto, propomos uma abordagem do conceito de *dispositivo*, como articulador dessas múltiplas forças (materiais e simbólicas, tecnológicas e econômicas, midiáticas e discursivas, políticas, culturais, históricas) que podem atravessar um contexto de comunicação transmidiática e transnacional. A partir das contribuições de autores como Braga (2012, 2018, 2020), Alzamora, Ziller e D'Andréa (2018) sobre os usos do conceito do *dispositivo* proposto por Michel Foucault no campo da Comunicação, para além de sua formulação original, buscamos a emergência de novos arranjos comunicacionais que articulam uma rede elementos heterogêneos: práticas discursivas, ações sociais, e processos históricos.

O desenho metodológico visa elaborar uma análise das condições da materialidade e dimensões simbólicas que revelam as articulações entre movimentos migratórios e o engajamento dos cubanos em torno de acontecimentos cuja narrativa coletiva perpassa vários ambientes virtuais dentro e fora da Ilha. Além da exploração de elementos da economia política do acesso à internet que definem os vínculos transnacionais cubanos, uma segunda parte dos resultados aborda aspectos das narrativas construídas na mobilização online em torno da morte de uma criança cubana de um ano, Paloma, após ter

sido vacinada. Busca-se, assim, compreender como são articulados os fluxos enovelados que dão origem a um dispositivo interacional (BRAGA, 2021), a partir da confluência e expansão de narrativas (trans)midiáticas e transnacionais.

### Os dispositivos e seus arranjos interacionais: o transnacional e o transmidiático nas narrativas digitais

Na obra de Michel Foucault, parece haver uma transformação na maneira como ele elabora definições para o termo *dispositivo* ao longo dos diferentes estágios de seu pensamento. De fato, a maioria dos autores concorda que o termo dispositivo aparece em Foucault em conexão com sua análise das relações de poder e sujeição envolvidas no "dispositivo da sexualidade" (FOUCAULT, 1976). Alguns deles têm abordado uma reconceptualização do uso desse termo nas diferentes áreas de estudo. Nos estudos midiáticos, por exemplo, Franz Kessler (2007) destaca a natureza dos dispositivos como articuladores e intermediários de múltiplas relações, de forma a “abrir oportunidades para vários tipos de agência. Um dispositivo, poder-se-ia dizer, também pode fornecer um espaço para diferentes formas de performatividade. Essa visão, em outras palavras, abre espaço para uma concepção mais pragmática dos dispositivos” (KESSLER, 2007, p.7).

O nosso interesse aqui é abordar as possibilidades de análise do *dispositivo* como uma “ferramenta heurística” (KESSLER, 2007, p.17), prestar atenção à sua “força heurística” (BRAGA, 2018, p.88), em vez tomar a perspectiva foucaultiana como uma explicação generalizada de fenômenos semelhantes aos que ele estudou.

Enfatizamos, portanto: “dispositivo” não é o nome de uma classe de objetos sociais - mas uma percepção da maneira como o social é construído, a fim de entender as diferentes coisas que aí são desenvolvidas. É uma visão epistemológica, não uma teoria de proposição de categorias fechadas (BRAGA, 2018, p.87).

Assim, Braga (2018) enfatiza que, longe de concluir a análise pela estruturação formações fixas, sobretudo em função do controle e vigilância social, é necessário destacar o reajuste processual e constante que dinamiza diferentes classes de dispositivos. Afirmamos também que isso requer a adoção de uma perspectiva histórica e temporal situada das lógicas que as reconfiguram constantemente. O processo de comunicação é observado na interação desses elementos heterogêneos que formam o sistema de relações,

sublinha o autor, nos "jogos, arranjos provisórios e experimentos" que visam articular as diferenças. Refere-se à dimensão da comunicação que caracteriza a "lógica do dispositivo" e explica seu objetivo usando a expressão "arranjos disposicionais" para indicar como a abordagem de Foucault pode dialogar com os estudos da Comunicação.

Ainda que o aspecto mais conhecido desse conceito elaborado por Foucault seja o modo como os dispositivos são ligados à manutenção uma ordem disciplinadora dos corpos nas sociedades modernas, como o dispositivo da sexualidade, Braga (2020) destaca a riqueza epistemológica da expressão 'dispositivos' por sua "visada epistemológica" e para além da mera dimensão do controle.

Trabalhando a partir de uma entrevista que Foucault concedeu à revista *Ornicar* no final dos anos 1970, "*Le jeu de Michel Foucault*", Braga acredita que os arranjos que dão origem aos dispositivos são fruto um 'sistema de relações' que operam promovendo ajustes de continuidade ou de ruptura, em uma dinâmica contínua de variações. Assim, o autor refere-se ao dispositivo interacional como um processo dinâmico que abre possibilidades para observar as ações comunicativas em um episódio específico.

Se os arranjos, as lógicas do jogo (com seus objetivos, suas regras de funcionamento e suas táticas de ajuste) são a dinâmica central do dispositivo - e aqui, de qualquer dispositivo social assumido na lógica do modelo foucaultiano -, *então devemos perceber a centralidade da comunicação em todo e qualquer processo social*. Arranjos disposicionais são, *em si mesmos*, exercícios práticos da potencialidade comunicacional do ser humano (BRAGA, 2018, p. 90).

Sob esse mesmo viés, entendemos que "ao atuar na ordem do possível, portanto, os dispositivos podem ser vistos como balizadores, norteadores ou gestores dos arranjos que abrigam e fazem circular, e não como impositores de modelos ou formas de funcionamento" (ALZAMORA; ZILLER; D'ANDREA, 2018, p. 68). Um dispositivo é configurado quando, diante de uma urgência, arranjos são elaborados de modo a oferecer possibilidades de solução que derivem da articulação entre diferentes elementos e ações (BRAGA, 2018).

A partir dessas considerações, trazemos também a discussão de Alzamora, Ziller e D'Andrea (2018) sobre *dispositivo midiático*, inspirada nas concepções de Foucault e adotando uma perspectiva da mídia como "um tipo de ambiência que estabelece disposições e configura modos de agir por meio da rede que a constitui" (p.60). Os autores referem-se ao dispositivo foucaultiano como uma rede de práticas heterogêneas, um

conjunto de relações multifacetadas, em constante alteração e adaptação às variáveis circunstâncias do momento histórico em que se inscreve; ressaltando assim seu dinamismo e dimensão de historicidade.

Tal abordagem permite “ultrapassar a materialidade midiática para operar analiticamente em configurações comunicativas que são simultaneamente sincrônicas e diacrônicas” (ALZAMORA, ZILLER E D’ANDREA, 2018, p. 72); de forma a vislumbrarmos no *dispositivo midiático* uma “rede que cotidianamente imbrica ‘o dito e o não dito’”<sup>4</sup> (p.78). O objetivo é compreender as dimensões tecnológicas e simbólicas da onipresença da mídia na vida cotidiana, assim como os atravessamentos também presentes no plano cultural, institucional, econômico, etc.

Uma análise interessada nos arranjos disposicionais das interações pode revelar como essas contingências do cotidiano se integram a partir de certos elementos contextuais institucionais, históricos, culturais, religiosos, jurídicos, etc. Ou seja, é central perguntar-se sobre quais elementos estão presentes em um dado arranjo, como eles estão vinculados, quais disposições específicas emergem nesse momento e contexto específicos, e como são entendidos em uma dimensão temporal estendida. Assim, a inclusão dos objetos estudados em uma determinada historicidade e contexto específico está fundamentalmente no cerne dessa abordagem, a fim de considerar a centralidade das temporalidades, a experiência cultural concreta e uma perspectiva analítica da articulação entre macro e micro níveis de fenômenos.

Devemos reconhecer, com Foucault, a especificidade de cada tipo de “solução” desenvolvida socialmente na forma de seus dispositivos: a sequência de arranjos dos dispositivos não é caracterizada como uma evolução contínua. Os processos sociais não são um longo caminho evolutivo, continuamente aprimorado em relação às etapas anteriores. (...) Os grandes problemas não são ideias gerais constantes. A cada momento histórico, em cada cultura que lhes dá forma e significado, reaparecem concretamente como emergências singulares. Ao mesmo tempo, a recorrência possibilita comparar essas emergências em sua diversidade (BRAGA, 2018, p. 87).

Nesse sentido, interessa-nos refletir sobre a possibilidade de diferentes formas de engajamentos e mobilizações no espaço público articulado pelos cubanos, a partir do desenvolvimento dessas redes online num contexto não alinhado com os padrões da

---

<sup>4</sup> Essa relação entre o dito e o não dito que aparece como relevante na definição Foucaultiana de dispositivo é central para entendermos a atuação do dispositivo midiático, na medida em que articula suas dimensões materiais e simbólicas.

democracia ocidental. Além do carácter fluido, personalizado e identitário dessas novas formas de participação e visibilidade em rede, enfatizamos outras duas dimensões que nos parecem centrais para a análise que propomos: a presença de narrativas transmidiáticas e o carácter transnacional que pode caracterizar uma parte desses processos sócio-comunicativos

Alzamora e Bicalho (2018, p.3) se referem à *narrativa transmídia (transmedia storytelling)*<sup>5</sup> como “uma modalidade [...] cuja articulação coletiva de conteúdos tem por finalidade potencializar processos de geração de consciência, engajamento, ação e estruturação de mudanças”. A narrativa transmidiática é desdobrada através de múltiplas plataformas midiáticas, sendo que cada plataforma oferece algo novo a respeito da narrativa (sites, games, filmes, livros, séries, etc.). Assim, a história começa a ser contada a partir de uma mídia central e é desdobrada em vários suportes de mídia, nos quais serão apresentadas novas histórias atreladas à sua “matriz”.<sup>6</sup> Cada desdobramento é autônomo, independente, mas ao mesmo tempo, parte integrante de um mesmo enredo narrativo, possibilitando, assim a construção de um universo semântico (MARTINS, 2011). As narrativas transmidiáticas estruturam e regulam a formação de um imaginário, de um quadro semântico e cultural que auxilia na produção de universos compartilhados de sentido e de pertencimento que são indispensáveis à agência coletiva.

Por outro lado, Cammaersts (2007, p.220) se refere à “crescente habilidade da sociedade civil para transnacionalizar suas práticas e discursos de resistência, com ajuda das tecnologias de informação e comunicação”, dentre os quais podemos citar as lutas mobilizadas por movimentos feministas e ecologistas, etc. O autor aponta que esse cenário transnacional, encarnado geralmente na luta anti-neoliberal, marca inclusive uma dimensão coletiva e aglutinadora desses movimentos dispersos que se identificam com um estilo político não-institucional (*non-institutional politics*). De forma geral, podemos dizer que o transnacionalismo tem sido estudado como uma morfologia social (redes), um tipo de consciência (diásporas), um modo de reprodução cultural (hibridização), uma avenida do capital (corporações), um âmbito de engajamento político (movimentos sociais) e como

<sup>5</sup> O termo original adquire relevância a partir da obra *Cultura da Convergência* (2006), de Henry Jenkins.

<sup>6</sup> “Uma matéria jornalística pode ser interligada com outra através dos hiperlinks, seja esse material componente do banco de dados (memória) do próprio veículo (intratextual) ou de outro espaço da internet (intertextual). Se uma notícia tiver sido convergida de outro meio para a web e trazer links para outros textos, essa ampliação de abordagens é considerada uma narrativa transmidiática; e o jornalista terá elevado ainda mais a construção desse discurso se o material (na primeira mídia) trazer uma indicação (crossmídia) de que na web há um desdobramento do assunto e sua convergência.” (MARTINS, 2011, p.27).

reconstrução do “lugar” ou localidade (relações das pessoas com o espaço) (VERTOVEC, 1999).

Sob essa perspectiva, propomos uma análise das relações entre processos históricos de migração e formas emergentes de engajamento público através de múltiplas plataformas digitais, no contexto atual de transformações em Cuba; no intuito de incorporar tanto as densas relações espaço-temporais que caracterizam os fenômenos transnacionais, quanto a multiplicidade de fluxos transmidiáticos que atravessam e constituem esses fenômenos.

### **Abordagem metodológica para a análise dos arranjos acionados em um dispositivo interacional**

A proposta metodológica deste trabalho divide-se em duas etapas. Num primeiro momento, buscamos analisar as condições do recente desenvolvimento do acesso à internet em Cuba em relação com os vínculos migratórios transnacionais nessa sociedade. Tal análise foi feita a partir de um mapeamento de dados por meio da revisão de documentos oficiais e matérias na mídia, assim como do trabalho de campo realizado durante duas visitas à Ilha (em janeiro 2018 e em julho 2019) e da observação e acompanhamento de ambientes digitais diaspóricos. Dessa forma, visamos mostrar as diferentes materialidades midiáticas, simbólicas e institucionais que atuam numa certa disposição de fluxos, apropriações midiáticas, discursos e práticas sociais multisituadas, que consideram tanto a historicidade dos processos locais/nacionais, quanto a dimensão da conectividade global nas redes que perpassam os âmbitos online/off-line.

Para tanto, analisamos os mecanismos de desenvolvimento das TIC em Cuba a partir das condições de acesso que revelam uma participação financeira dos cubanos da diáspora e uma cultura da gambiarra<sup>7</sup> nas formas de apropriação. Além dessas dimensões e seu impacto na emergência de fluxos alternativos de comunicação transnacional, exploramos também algumas características de ambientes da *webdiáspora*, fundamentalmente com base no acompanhamento de páginas na plataforma Facebook que

---

<sup>7</sup> Esse termo será melhor explorado adiante, mas destacamos que Sedlmayer (2017) define gambiarra em diálogo com o pensamento do filósofo italiano Giorgio Agamben, de modo a indicar a presença de uma operação que desativa o velho uso das coisas através da criação de um novo uso. Essa reinvencção e atribuição de novos usos e funcionalidades específicas aos objetos pode acontecer a partir de diversos procedimentos que não desconsideram a singularidade de cada experiência situada (RAMIREZ HERNANDEZ et al., 2018).

evidenciam a construção de um espaço transnacional híbrido e ampliado nas redes sociais digitais.

A partir desse contexto, desenvolvemos uma segunda etapa metodológica que aborda as formas de engajamento evidenciadas na construção de uma narrativa coletiva em torno de um *estudo de caso*, nos rastros que configuram uma linha espaço-temporal de ações comunicativas em dimensão transmidiática e transnacional. O objetivo aqui é compreender como esses vínculos transnacionais atuam no contexto de recente desenvolvimento digital em Cuba, abrindo espaço para a configuração de narrativas sobre a realidade cubana que ultrapassam, em alguma medida, o estrito controle do governo cubano sobre como é contada a experiência de seus cidadãos.

Assim, realizamos uma coleta manual de dados (*print screen*) durante o acompanhamento do caso estudado, que foi selecionado a partir de alguns critérios essenciais ligados aos interesses da pesquisa: o caráter recente e não explicitamente vinculado a questões políticas do governo, mas com uma forte dimensão afetiva; o fato de ser um evento inesperado, que aconteceu a pessoas comuns, e não uma ação liderada por grupos ou líderes políticos; o fato de ter alcançado visibilidade a partir das redes sociais online; e por ter envolvido a participação de diferentes atores e meios comunicativos de Cuba e do exterior. Assim, identificamos e localizamos, de acordo com espaços físicos e virtuais, as publicações, postagens, atores, plataformas e fatos datados que compõem essa narrativa, a fim de identificar e analisar os pontos de auge e inflexão da narrativa e como ela foi sendo tecida através de diferentes fluxos, ações discursivas, plataformas digitais e espaços múltiplos.

Alzamora e Bicalho (2018) propõem uma análise semiótica para o estudo da mediação sógnica de *hashtag* no ativismo transmídia. Contudo, o que nos interessa aqui não é definir ou conceituar a existência de um ativismo digital, mas explorar algumas características dos fluxos que atuam na configuração de um tipo de dispositivo midiático transnacional, a partir das características desses engajamentos. Assim, as autoras exploram as formas de engajamento na dinâmica transmídia a partir do “efeito gerado em cada situação comunicativa (*interpretante dinâmico*) ou potencialmente gerado (*interpretante imediato*) conforme o propósito do enunciado coletivo mediado por essa hashtag (intepretante final)” (2018, p. 17).

Sob a perspectiva da semiótica fenomenológica das tríades sógnicas do Pierce (objeto, signo, interpretante; primeiridade, secundidade, terceridade; etc.), Alzamora e Bicalho (2018) focam nos desdobramentos do *interpretante* como eixo que permite

estabelecer correlações entre a expansão de uma narrativa transmidiática e os encadeamentos de signos que conformam um sistema de significação. “É o interpretante que estabelece mediação entre tríades sógnicas subsequentes, de modo a promover a expansão da semiose. Compreender seu modo de funcionamento semiótico é, portanto, condição necessária para desvendar os mecanismos de expansão da dinâmica de ativismo transmídia investigada” (ALZAMORA; BICALHO, 2018, p. 17).

De acordo com as autoras, que seguem também a proposta de Santaella (2004), as diferentes fases do engajamento podem ser associadas aos efeitos práticos de um signo, isto é, o *interpretante dinâmico* que articula a semiose, podendo esses efeitos aparecer como: *aderência*, sentimentos que emergem na apreensão qualitativa do signo (*interpretante emocional*) na promoção de identificação temática; *mobilização*, esforços de assimilação (*interpretante energético*) que convocam o emprego da energia em ações que permitem a propagação em rede, como os compartilhamentos; e *ativismo*, quando a interpretação do signo segue uma regra de ação como hábito (*interpretante lógico*), por meio de estratégias concretas adotadas sistematicamente pelo intérprete com maior grau de envolvimento numa causa, como seria a fixação de uma *hashtag*.

### Arranjos no dispositivo migração-TIC em Cuba: gambiarras e ambientes da webdiáspora

A historicidade e a cultura migratória dos cubanos no último meio século têm fortalecido os vínculos transnacionais entre os residentes cubanos e a comunidade diaspórica, impactando em diversos âmbitos da vida cotidiana e pública na Ilha (através das remessas financeiras, influência político-cultural da diáspora e estruturação de projetos de vida migratórios, etc.). Nesse sentido, a recente ampliação da conectividade digital em Cuba tende a favorecer o adensamento desses fluxos transnacionais e a emergência de diferentes formas de se apropriar da realidade nacional, sobretudo porque essas mudanças tecnológicas são acompanhadas também de transformações nos padrões migratórios e no panorama político-social do país, como explicamos anteriormente. Trata-se de novos arranjos que atuam no reajuste constante do dispositivo midiático-transnacional que atravessa e configura o modo de vida dos cubanos.

As formas tradicionais de implicação da diáspora no desenvolvimento das TICs no país de origem abrangem geralmente o investimento em infraestrutura tecnológica

comunitária, o fornecimento de aparelhos e o pagamento de faturas telefônicas, dentre outras. (MATTELART, 2009). No caso de Cuba, existem outras limitações que respondem ao estrito controle do governo sobre o desenvolvimento tecnológico nacional e sobre o acesso dos cidadãos aos aparelhos de conexão (em um contexto decorrente dos efeitos da Guerra Fria e os traços de autoritarismo do sistema); assim como a consideração dos emigrados como inimigos da Pátria durante várias décadas. Contudo, essas restrições não impediram que os emigrados contribuíssem fornecendo celulares e assumindo os gastos dos familiares na Ilha, inda que somente em abril de 2008 o governo cubano tenha autorizado o uso de linha celular pelos cubanos (GARCÍA-MORENO; MUÑOZ, 2012).

Apesar de apenas os turistas, empresas estrangeiras e instituições do governo terem acesso a esses serviços no início dos anos 2000, algumas pessoas já usavam uma linha de celular sob o registro em nome amigos e ainda com preços bem elevados (111 USD = 440 Reais aproximadamente)<sup>8</sup>, que, um ano após a liberalização do uso, diminuem para 40 USD (em torno de 160 Reais) (GARCÍA-MORENO; MUÑOZ, 2012). Por outro lado, as tarifas de telefonia celular continuavam sendo extremamente caras em relação ao salário médio dos cubanos. Tal disparidade perdura ainda hoje, assim como entre os custos do acesso à internet e os salários pagos à maioria dos trabalhadores do setor público. O serviço de comunicação celular e de internet em Cuba é cobrado em *Pesos Convertibles* (CUC/USD)<sup>9</sup>, porém, o salário oficial é pago na moeda nacional de *Pesos Cubanos* (CUP), com uma taxa de câmbio de 1 USD x 25 pesos cubanos. Dessa forma, o salário médio mensal de 777 pesos cubanos<sup>10</sup> equivale a cerca de 31 USD (aproximadamente 124 Reais).

Já em 2015, com a ampliação do acesso à internet nas zonas *wifi* instaladas em espaços públicos, o preço da hora de conexão passa de 4,50 USD (antes só acessível em lugares turísticos) para 1 USD ou 2CUC, dependendo das modalidades de acesso. Em 2018 começa a se estender o serviço de conexão doméstico por cabo, com tarifas base de 30 USD por pacotes de 15h mensais a 1024/256 Kbps. Com a chegada da conexão 3G em 2019,

<sup>8</sup> Utilizamos como referência uma taxa de câmbio aproximada de 1 USD x 4 R\$.

<sup>9</sup> O *Peso Convertible*, o CUC, é uma moeda criada pelo governo cubano como equivalente nacional às divisas estrangeiras do dólar (USD), o euro (EUR), etc. com o objetivo de arrecadar ingresso em moedas estrangeiras. Dessa forma, toda moeda estrangeira que entrasse no país deveria ser cambiada por esses *Pesos Convertibles* para seu uso no país, enquanto o governo ficaria com as divisas estrangeiras “verdadeiras”. Neste trabalho usamos a equivalência de 1 CUC x 1 USD para facilitar a compreensão, embora o governo começou recentemente a reimplementar o uso do dólar no país e retirar gradualmente o *Peso Convertible*.

<sup>10</sup> Estatísticas oficiais correspondentes ao ano 2018 (ONEI, 2019).

observamos tarifas de pacotes mensais de dados como 600mb por 7USD e 1GB por 10 USD.<sup>11</sup> Considerando as limitações econômicas em que vivem os cubanos, a escassez de produtos e altos preços dos alimentos e artigos de primeira necessidade, as tarifas de conectividade em rede se tornam quase inacessíveis à maioria da população. Ao se tratar de uma economia centralmente planejada e sem intervenção do livre mercado (diferentemente de outros países ditos socialistas, como a China), o setor público tem sido praticamente a única fonte de emprego até uma abertura recente do setor privado para pequenos negócios, após algumas reformas econômicas empreendidas pelo presidente Raul Castro em 2010 - que não eliminaram o controle estatal sobre as iniciativas econômicas privadas.

Nesse sentido, os altos custos da comunicação celular e do acesso à Internet em Cuba fazem com que esses serviços geralmente sejam financiados pelos emigrados, que buscam facilitar o contato com amigos e familiares na Ilha (ALFONSO; SÁNCHEZ, 2017), como acontece em vários países com um cenário similar que exprimem interseções entre processos migratórios e desenvolvimento das TIC. No entanto, duas características específicas do contexto cubano devem ser enfatizadas. Primeiramente, observamos que mudanças no papel dos emigrados na sociedade cubana permitiram que eles deixassem de ser sujeitos rejeitados e excluídos politicamente para adquirirem uma maior participação na economia doméstica da Ilha (seja pelas remessas ou pelas viagens), sobretudo depois da forte crise dos anos 1990. Em segundo lugar, essas formas de “retorno” que expressam-se em diferentes âmbitos da vida familiar e individual, têm ganhado o impulso dos mecanismos estabelecidos pelo monopólio estatal cubano para estimular a atividade comercial e os ingressos nacionais; levando em consideração que os emigrados costumam assumir a responsabilidade financeira dos familiares que permanecem no país de origem, devido aos baixos salários e dificuldades econômicas em Cuba.

Com a ampliação recente das formas de conexão digital no país, o governo cubano, a empresa que detém o monopólio das telecomunicações em Cuba, a ETECSA, e sua *branch* Cubacel (para telefonia celular) oferecem há algum tempo promoções para as recargas internacionais, realizadas no exterior, para linhas de chips pré-pago de cubanos dentro do país (modalidade dominante na telefonia celular cubana), com benefícios que multiplicam o montante recarregado em serviços e bônus adicionais<sup>12</sup>. Trata-se de uma estratégia

---

<sup>11</sup> A fonte dos dados é no site oficial da empresa ETECSA, onde podem ser acessadas informações mais ampliadas sobre telefonia celular ([http://www.etecsa.cu/telefonia\\_movil/tarifas/](http://www.etecsa.cu/telefonia_movil/tarifas/)) ou sobre o acesso à internet ([http://www.etecsa.cu/internet\\_conectividad/internet/](http://www.etecsa.cu/internet_conectividad/internet/)).

<sup>12</sup> O valor da recarga (ex. 20 USD = 80 R\$ aprox.) é multiplicado em bônus de até 30 USD (120 R\$ aprox.) a mais, com validade de 30 dias para consumo do bônus e variando as condições específicas para seu uso, em

direcionada especificamente à arrecadação de divisas estrangeiras pelo governo cubano a partir da exploração desses vínculos transnacionais. Imigrantes cubanos no Equador, por exemplo, relatam que eles realizam sistematicamente essas recargas internacionais para o número de celular de ao menos um familiar em Cuba e se comunicam com eles no mínimo uma vez por dia, porque “lá está a sua família”, “segue sendo seu país” e “qualquer mudança na situação nacional pode afetar seu status migratório, as propriedades, negócios e projeto de vida que mantêm lá”<sup>13</sup> (ALFONSO; SÁNCHEZ, 2017, p.22).

Assim, essas recargas internacionais expressam os fortes vínculos transnacionais que ligam processos migratórios com o desenvolvimento interno do país (econômico, tecnológico comunicacional, etc.). Isso não acontece apenas pela existência e manutenção, ao longo do tempo, dos laços afetivos entre os cubanos distantes, mas também pela implementação de um modelo de desenvolvimento das TICs que implica a reconfiguração da estratégia do governo cubano diante de uma diáspora outrora preterida. A esse adensamento dos mecanismos transnacionais que influenciam na realidade atual em Cuba soma-se o efeito das remessas financeiras, viagens, e envios de mercadorias dos cubanos emigrados para os que residem na ilha (EICKSTEIN, 2009).

Além disso, o acesso à internet na Ilha é caracterizado também por práticas de apropriação e socialização que perduram até hoje. Nos primeiros anos da chegada da internet na Ilha, os profissionais “privilegiados” com uma conexão no lar poderiam se tornar um info-centro local, ao compartilharem essa conexão mediante “gatos” feitos no bairro, ou ainda cedendo/vendendo as credenciais de acesso a uma conta oficial-institucional. Mais tarde, com a instalação de nas zonas públicas com acesso a *wifi*, observamos como um usuário pode compartilhar seu “tempo de conexão” (oficialmente pago) com outros aparelhos conectados em uma pequena rede próxima criada via aplicativos como o *Connectify Hotspot*. Essas “gambiaras” dizem respeito a arranjos disposicionais que permitem uma forma específica de driblar as barreiras impostas pelos mecanismos de controle do governo, um aprendizado político coletivo de fabricação de dispositivos de contra-poder que o povo cubano tem aprimorado durante muitas décadas de crises econômicas e estritas regulações verticalizadas (HERNANDEZ; ALTHEMAN; MARQUES *et al.*, 2018).

---

termos de quantidade de minutos, SMS, se pode-se ou não utilizar para conexão à internet, etc. Informação ampliada disponível no site oficial da empresa ETECSA: [http://www.etecsa.cu/telefonía\\_movil/recargas/](http://www.etecsa.cu/telefonía_movil/recargas/)

<sup>13</sup> O governo cubano tem imposto historicamente restrições de direitos para os emigrados cubanos, como têm sido as expropriações, proibições de retorno, ou retirada de status de residente após certo período de tempo fora.

A nosso ver, há uma possibilidade de aproximação entre a invenção de gambiarras e a produção de arranjos que, na perspectiva de Foucault, constituem dispositivos. Assim, consideramos que “a gambiarra, no esforço de integrar fragmentos e elementos, ainda que díspares, para que formas e funções se cumpram, realiza arremedos inovadores” (SEDLMAYER, 2017, p. 65) em situações de conflito, de urgência, de limitação de opções, nas quais a imaginação é fortemente requisitada contra um quadro consensual e hierárquico de usos e significações dos objetos. Ao mesmo tempo, o dispositivo também articula uma rede de agenciamentos e forças díspares para dar resposta a um problema: “entendo dispositivo como um tipo de formação que, em um determinado momento histórico, teve como função principal responder a uma urgência. O dispositivo tem, portanto, uma função estratégica dominante.” (FOUCAULT, [1977] 1994, p. 221). Segundo a leitura de Braga (2018, p.89), as urgências são derivadas de problemas que demandam resolução que seja fruto de articulações, arranjos e alianças feitas “ainda que aos trancos e barrancos, para encaminhar as questões postas por uma dada adversidade”. As apropriações e usos das TICs pelos cubanos configuram microdispositivos biopotentes que, em suas variadas composições, constituem não só formas de resistência, mas também nos mostra que, em um dispositivo interacional, “a disposição dos elementos, experimental e tentativa, passa por verdadeiras trapalhadas até conseguir articular o sistema de relações.” (BRAGA, 2020, p.16).

É importante destacarmos que a gambiarra nos revela que não há dispositivos integralmente prontos, finalizados, mas que eles se alteram diante das urgências que promovem a constituição interacional específica de suas estratégias: em uma gambiarra, percebemos que “novas urgências não atendidas pelo já estabelecido geram dinâmicas de experimentação e tentativa acelerando a parte inferencial até a construção de novos compartilhamentos mais ou menos estáveis” (BRAGA, 2020, p.23). É como se as gambiarras, na sua pluralidade tentativa, e na sua origem em episódios comunicacionais específicos de assimetria e conflitos, permitissem um questionamento e revisão das regularidades que compõem um dispositivo interacional específico:

O de que me aproprio, em Foucault, é sobretudo a possibilidade de tratar de elementos heterogêneos que pragmaticamente desenvolvem sistemas de relações perceptíveis na conjuntura social. Ao enfatizar, de minha parte, o aspecto interacional, certamente dou atenção às regras que viabilizam, instituem e caracterizam dispositivos empiricamente perceptíveis; mas também valorizo as estratégias e inferências que trazem a disponibilidade do dispositivo para o exercício concreto do episódio

comunicacional que o aciona. Com isso, os episódios não são mero epifenômeno dos dispositivos. A necessidade social de produzir dispositivos interacionais, pela tentativa prática de exercê-los, vai sedimentando as regras. Ou seja: são as estratégias - tentativas - para gerar interação que desenvolvem as regras. (BRAGA, 2012, p.33-34).

As gambiarras e arranjos que produzem estratégias desafiadoras das normas que estabilizam dispositivos interacionais se manifestam com mais força no processo de uma diáspora digital que hoje define a experiência de vários cubanos. Ainda que há alguns anos já proliferem websites, páginas nas redes sociais digitais e comunidades virtuais criadas por emigrados cubanos, é só recentemente que pode-se considerar a efetiva participação dos cubanos residentes na ilha nesses espaços online. Trata-se de uma *webdiáspora* que se expande a partir desses fluxos transnacionais. Consideramos aqui a *webdiáspora* como um espaço-tempo que se configura dentro de processos migratórios, “não só como um espaço transnacional, intercultural e multiterritorial midiático, mas como um recurso para interação e compartilhamento de vínculos sociais (reais ou imaginários, com o país de origem ou de destino)” (ESCUDERO, 2014, p. 149). Assim, Escudero (2014) identifica dois princípios fundamentais de constituição e organização da *webdiáspora*: 1) os vínculos familiares e relações sociais de forma geral; e 2) a mobilização social e participação política. Esses fenômenos sociais podem ser considerados a partir de movimentos sociais ou ativismos mais propriamente definidos, mas sobretudo a partir das práticas sócio-comunicativas e acontecimentos da vida cotidiana dos cubanos, e do modo como tais acontecimentos são construídos na interface entre migrações e novas mídias, alcançando uma dimensão midiático-transnacional.

Aderimos às perspectivas de estudo da web diaspórica que consideram o espaço digital em relação às práticas sociais, o contexto político e a dimensão econômica dos processos de comunicação (MATTELART, 2009). Além disso, ressaltamos que:

*A webdiáspora* estabelece um “terceiro lugar” para colocar os membros da comunidade em contato: não é um país nativo nem um país de instalação, mas um “espaço virtual” de comunicação’. Esse terceiro lugar assume a forma de árvores sem fim e “multidões digitais”; mas as conversas na web não levam necessariamente a estreita comunhão e à solidariedade comunitária (STOICIU, 2013, p.24).

Nessa área, Mattelart (2009) também destaca certos limites da abordagem da Web apenas como uma ferramenta para se opor ao discurso dominante da mídia, nas sociedades de origem e de acolhimento, que podem assim, o que pode ignorar as implicações da

dimensão econômica, conflitos e heterogeneidade que se opõem a uma imagem idealizada e nostálgica da diáspora. Os modos de articulação entre trocas on-line e redes off-line (onde existem) representam um desafio central em termos de pesquisa que destaca a influência das TIC na realidade socioeconômica e política dos países de origem dessas comunidades transnacionais. Especialmente no caso de regimes autoritários, Mattelart (2009) reflete sobre uma tendência em enfatizar o surgimento de esferas públicas alternativas pela ação de “indivíduos comuns” em plataformas web-diaspóricas virtuais. Ele questiona o papel excessivo que às vezes seria conferido à web, sem prestar atenção ao fato de que esses ditos “indivíduos comuns” não seriam apenas indivíduos “privilegiados” por certas condições de acesso e vantagens intelectuais. Também é preciso atentar, de acordo com o autor, se eles são realmente ouvidos, bem como pensar se essas redes conseguem integrar efetivamente determinadas esferas públicas alternativas.

No contexto de Cuba, observamos que, a despeito das limitações de uma imprensa única governista, emergem meios digitais que buscam construir visões alternativas da realidade dos cubanos, fundamentalmente gerenciados a partir dos fortes vínculos transnacionais entre as comunidades de emigrados e os residentes na Ilha. Apesar de existir uma considerável variedade de meios, sites e espaços virtuais que podem ser considerados como alternativos, destacamos aqui o nosso interesse por abordar meios que geralmente adotam a forma de *revistas informativas* e que são gerenciados e/ou financiados exclusivamente pela diáspora, ainda que em estreito vínculo com cubanos na Ilha. Nos referimos a sites que abordam geralmente a cotidianidade dos cubanos dentro e fora do país, focadas nas redes digitais, eventos políticos etc., com ênfase nas ligações com a comunidade historicamente assentada em Miami e os Estados Unidos de forma geral.

Os conteúdos são variados, mas observamos uma prevalência do estilo sensacionalista, trazendo fatos insólitos, celebridades artísticas, e misturando o entretenimento com notícias que tomam como referência tanto as políticas oficiais do governo cubano quanto do americano, relatos dos cubanos que não alcançam visibilidade na mídia governista, assim como o dia a dia na comunidade cubanoamericana. De forma geral, observamos algumas características desses sites a partir de sua presença na páginas e grupos diaspóricos no Facebook, não só a partir da geração de conteúdo, mas sobretudo na articulação desse espaço transnacional. A página *Te amo Cuba* no Facebook, por exemplo, declara ser parte da revista digital *Cubanos Guru*, uma das comunidades virtuais com maior aceitação entre cubanos de todas partes (280k seguidores), criada em 2015 para “*reunir las noticias, conocimientos, añoranzas y recuerdos de Cuba en un espacio virtual*”.

Nessa mesma rede social, o grupo *Cuba, tú si sueñas!*... identifica-se como pertencente ao site *Cubita NOW*, que surge com a missão de “*informar y entretener a cada cubano alrededor del mundo (...) con el fin de la unión a través del debate con respeto, el entretenimiento y la nostalgia en momentos difíciles para el pueblo de Cuba.*” Tanto nos objetivos quanto nos conteúdos observados, podemos dizer que esses ambientes virtuais partem de uma concepção transnacional do espaço noticiado.

A exploração de “Cuba” como palavra-chave nesse cenário transnacional transforma o sentido original de país compreendido originalmente como Estado-nação e, por conseguinte, o projeto político absoluto do sistema implementado na ilha como único e inquestionável, dando espaço a um sentido que destaca um espaço mais plural e híbrido, para além dos contornos insulares. Disposições outras desses sujeitos e lugares emergem mesmo nas auto-descrições das páginas, as quais revelam um espaço desterritorializado que fica ainda mais evidente no *spanglish* da nomenclatura: *Cubita NOW*, *Cubanos shotout*, *Cuba Trending*, etc. Inclusive uma página do Facebook que aparece com nome hispânico, *Te Amo Cuba*, traz ao fundo uma imagem de capa dividida em duas metades que compõem uma só, integrada por uma foto de Havana e uma de Miami. Da mesma forma, a página *Cuba en Miami* (400k seguidores) ultrapassa mesmo os limites de Miami como clássica cidade-diáspora e se declara um espaço para todos os cubanos do mundo.

Nesse contexto, a ampliação das possibilidades de conexão dos cubanos impacta não só em sua participação nos espaços virtuais já existentes, mas sobretudo na proliferação de outros novos ambientes e formas de expressão, na visibilidade de experiências, relatos e vozes dos cubanos que não têm sido compreendidos nas políticas de comunicação oficialistas dos veículos informativos do governo (únicos autorizados no país), e que começam a circular e a ganhar protagonismo a partir desses fluxos transnacionais, migratórios, tecnológicos simbólicos. Não se trata apenas do desenvolvimento das TIC em Cuba como fator de transformação *per se*, mas da forma como isso vem acompanhado das estratégias de economia política que envolvem tanto os sólidos vínculos com a diáspora, quanto apropriações marcadas por uma cultura da gambiarra que caracteriza a forma de vida dos cubanos. São múltiplas as linhas de fuga que se arranjam nesses processos sociais e comunicativos, permitindo a construção coletiva de visões alternativas do mundo e formas mais plurais de experimentar uma realidade, até então condicionada unicamente pela narrativa unívoca da mídia governista. De acordo com Stoiciu (2013, p.24), “descobrimos uma potência de mobilização de sites de redes sociais (MySpace, Facebook) durante crises sociopolíticas ou desastres naturais na sociedade de origem”.

Sob esse viés, nos aproximamos de um estudo de caso que permite observar como esses arranjos atuam na mobilização de narrativas transmidiáticas, transnacionais e transformadoras da paisagem comunicacional que sustenta o sistema político vigente na Ilha.

### **Narrativa transnacional e transmidiática em torno da morte de uma criança cubana**

A partir da análise de alguns elementos que definem o panorama digital da experiência dos cubanos no contexto transnacional, trazemos um estudo de caso que evidencia também como esses vínculos e interações transnacionais e transmidiáticas vêm sendo estruturadas em Cuba hoje.

Ao dialogar com o pensamento de Foucault, Braga trata os dispositivos interacionais como resultantes de arranjos criados, de maneira tentativa, para articular elementos diversos que, articulados, podem oferecer respostas acerca de fenômenos vivenciados empiricamente. A análise comunicacional desses arranjos nos solicita menos a descrição de “estruturas de poder segundo as quais e para as quais a comunicação se exerce” e mais o investimento em revelar as “lógicas e processos comunicacionais que se exercem em suas especificidades contextuais” (BRAGA, 2020, p. 20). O autor enfatiza ainda que “articulação não significa necessariamente harmonia, mas também tensionamentos, inclusive estruturais - que não são ocasionais nem devem ser vistos como defeito ou ruído, pois fazem parte da própria lógica de funcionamento do dispositivo” (2020, p.28).

Seguindo a proposta analítica desenvolvida por Braga (2018, 2020), procuraremos evidenciar algumas das lógicas interacionais, singularidades e constrangimentos que definiram o episódio escolhido, construindo uma dinâmica de tensionamentos e conflitos, mas também de busca de alternativas e linhas de fuga para enfrentar pressões de poder.

O estudo de caso por nós acionado trata da narrativa em torno da morte da menina Paloma, ocorrida em outubro de 2019, em decorrência da aplicação de uma vacina. O acompanhamento e coleta de dados sobre o caso, através de ambientes digitais webdiaspóricos e outros meios de comunicação e plataformas virtuais que participam da história, nos permite refletir sobre os arranjos disposicionais que revelam elementos do “dito e não dito” nesses processos sociais. O recorte analisado parte de uma postagem da

mãe da criança na sua conta de Instagram, mostrando imagens do “antes” e do “depois” da vacina, e pedindo respostas do governo sobre quem teria “matado” sua filha.

No dia 11 de outubro de 2019, os pais oferecem declarações através de uma vídeoligação do popular apresentador de um programa de TV online *Hola Ota-Ola*<sup>14</sup>, Alex Otaola, que tem se tornado um personagem de crescente atenção na paisagem digital diaspórica e transnacional. O programa, realizado por cubanos para cubanos desde Miami, aborda temáticas e figuras que tendem a acentuar as tensões históricas entre o exílio e o governo socialista, geralmente alimentado pelas críticas do apresentador e pelos relatos que começam a ser elaborados pelos cubanos da Ilha nas redes sociais, como foi o caso do post da mãe de Paloma. O acesso imediato dos realizadores do programa em questão à informação publicada pela mãe, e a possibilidade de ela oferecer seu testemunho audiovisual à distância constituem ações que revelam a imbricação entre antigos vínculos transnacionais e recentes transformações no acesso à internet em Cuba.

Ainda no mesmo dia, o post da mãe e suas declarações no programa de TV ganham a atenção das agendas de múltiplos sites webdiaspóricos e suas respectivas páginas nas redes sociais. A montagem em paralelo das imagens da criança pode transmitir uma sensação de que algum crime foi cometido, tal como é apontado por ela e pelo apresentador Otaola é quem explora o luto dos pais chorando ao vivo durante a vídeoligação e atua como eixo polêmico mais visível. Essas primeiras imagens orientam o discurso e se tornam o rosto do acontecimento construído nos ambientes digitais que envolvem essas interações transnacionais. Dessa forma, o *interpretante emocional* que viabiliza o engajamento vai alimentando uma narrativa que começa a se expandir a partir do efeito do *interpretante energético*. Isto é, por exemplo, o que acontece com a matéria em um site dessa comunidade webdiaspórica, *Te Amo Cuba*, que alcança na sua página de Facebook<sup>15</sup> 16 mil reações, 1.900 comentários e 3.400 compartilhamentos.

### Figura 1. Primeiras imagens que circulam na web e impulsionam a narrativa

<sup>14</sup> O vídeo do programa é publicado no canal de Youtube do meio webdiaspórico *Cubanos por el mundo* e pode ser acessado no seguinte link: <https://www.youtube.com/watch?v=NyztwG7S5PY>.

<sup>15</sup> O post sobre a matéria pode ser acessado no Facebook através do seguinte link: [https://www.facebook.com/TAmoCuba/posts/1833685333444016?\\_\\_tn\\_\\_=-R](https://www.facebook.com/TAmoCuba/posts/1833685333444016?__tn__=-R)



Fonte: Elaborado a partir de *print screen* do post da mãe no Instagram, o programa de TV online no Youtube e a matéria de um site webdiaspórico no Facebook, todos veiculados no 11 de outubro de 2019.

As imagens da Figura 1 mostram como a narrativa é estruturada simbolicamente a partir do drama, o choro, a dor, e a tragédia da perda, enquanto atravessa os espaços físicos de dentro e fora de Cuba, através de múltiplas plataformas digitais (Instagram, Youtube, Facebook). Nesse sentido, os enquadramentos circulantes mobilizam não só a opinião pública dos cubanos presentes a web, mas também as autoridades e a mídia governista cubana, que já não consegue, como antes, manter certos assuntos controversos como esse fora do espaço de visibilidade nacional.

Alguns dias após a explosão pública da polêmica, o principal jornal cubano, *Granma* (porta voz do Partido) publica um editorial do Ministério de Saúde Pública de Cuba (MINSAP) informando sobre o andamento de uma investigação do caso, o qual é criticado pela mãe de Paloma (em sua conta de Instagram) por não oferecer sequer condolências à família. Em seguida, um *tweet* do presidente cubano, Miguel Díaz Canel, oferece pêsames aos familiares e lamenta a “manipulação dos inimigos”, em referência à ligação do caso com os meios de Miami<sup>16</sup>. Na sequência, a mãe lamenta nas redes sociais que o presidente esteja mais preocupado com questões políticas do que com uma resposta sobre o que aconteceu à criança.

Nesse processo de trocas de postagens, observamos que tanto a intervenção da mídia oficial-governista cubana, quanto o *tweet* presidencial são tentativas de resposta que parecem não conseguir controlar a cadeia de ressignificações alimentada em

<sup>16</sup> As pugnas entre o governo cubano e a diáspora cubano-americana em Miami tem suas origens na construção simbólica da emigração cubana como exílio político para os Estados Unidos após o triunfo da Revolução e o histórico conflito entre os dois países.

diferentes plataformas e espaços geográficos. O episódio abala o cerne de um mito que fundamenta a imagem da “Revolução”, pois um dos pilares desse projeto político era justamente seu sistema de saúde pública integral, gratuito e de qualidade. Apesar do aparente diálogo, notamos que as ações comunicativas do poder hegemônico em Cuba continuam mantendo a lógica de contenção discursiva unidirecional que caracteriza o sistema midiático e comunicativo cubano.

A controvérsia entre a mãe e o presidente passa a ocupar o centro da narrativa, a partir de enquadramentos antagônicos que relatam visualmente essas trocas (Figura 2). Ainda que vários sites e páginas webdiaspóricas tenham acompanhado o acontecimento de forma mais ou menos similar, seguimos especificamente a construção feita por *Te Amo Cuba* a partir dos posts publicados no Facebook sobre as matérias referentes ao caso. Observamos, assim, como muda a imagem da mãe utilizada, que aparece chorando quando é noticiada a resposta do *tweet* do presidente cubano, e posteriormente aparece sorridente com a filha nos braços, no momento de enquadrar a resposta dela para o presidente. Essa controvérsia, tão representativa da histórica contraposição entre “o povo” e “o regime”, desperta ainda mais o interesse de outras emissoras de televisão hispânicas bem estabelecidas na Flórida, como *América Tvé* e *Telemundo51*, sendo que esta última apresenta inclusive uma entrevista com tio paterno da criança, que mora em Miami.

**Figura 2. Enquadramentos antagônicos e redefinição da imagem da criança em posteriores episódios da narrativa**



Fonte: Elaborado a partir de *print screen* de duas matérias do site webdiaspórico *Te amo Cuba* no Facebook, no 14 de outubro de 2019, e de uma matéria do website *Cibercuba*, no 23 de outubro de 2019.

Após o protagonismo do conflito “mãe de Paloma vs presidente” alimentando toda uma trama política que envolve questionamentos ao sistema cubano no novo cenário

digital e transacional, a narrativa avança para outra fase nos dias 22 e 23 de outubro de 2019, quando a mãe publica algumas postagens solicitando apoio dos internautas para exercer pressão nas redes sociais. Ela argumenta (em um post do Instagram) que “a pessoa que está executando isto” sugeriu a ela que pedisse aos “amigos” mudarem suas fotos de perfil e colocarem uma em que a filha aparece no céu, sorridente e com asinhas de anjo (Figura 2), que também aparece no seu perfil do Twitter. Além disso, ela sugere a plataforma do Twitter como “a via mais forte agora mesmo” e propõe a *hashtag* #justiciaParaPaloma.

Percebemos que, inicialmente, a imagem dos pais chorando no vídeo e a da criança no hospital postada pela mãe circulam como símbolo do caso entre cubanos de dentro e fora do país. Ressaltando a doença, o choro, a morte, o drama. Já na campanha online, lançada pela mãe, valoriza-se a imagem da criança feliz que foi para o céu, acionando aqui valores e um imaginário de inocência desrespeitada em sua humanidade. O signo como *interpretante emocional*, nesse caso, é ressignificado também ao longo da semiose.

É possível dizer que a construção de um *dispositivo (trans) midiático e transnacional* de conexões off-line/online, produziu arranjos de maneira dinâmica através da circulação das imagens veiculadas nas redes sociais e na mídia e no modo como elas agenciaram circuitos interacionais por elas mesmas: a cada reprodução ocorreram repercussões, reelaborações, fazendo com que as imagens fossem acrescidas de um significado moral relacionado ao valor da vida humana.

Segundo Ana Paula da Rosa (2016, p.72), esse circuito configurado pelo apelo dramático pode nos auxiliar a identificar uma forma de circulação capaz de estimular arranjos que partem do valor e da potencialidade de politização das emoções mobilizadas pelas narrativas jornalísticas, acentuando uma processualidade interacional, que implica “novas camadas de sentido e interações, além de um embate pela produção de sentido que se realiza no âmbito dos dispositivos midiáticos”. Sob esse aspecto, as narrativas mobilizadas transnacionalmente passam a ser mais do que textos que atestam a verdade sobre algo, mas um acontecimento que gera cadeias de apropriações, ou seja, cadeias de criação de uma semiose contínua de circuitos interacionais e suas reverberações. Essas narrativas permanecem em circulação por um período de tempo estendido, espalhando-se também espacialmente e promovendo um circuito de afetos e racionalidades que alimentam o engajamento e o ativismo online.

No dia 6 de novembro de 2019, circularam declarações e um vídeo em que os pais relatam que tiveram que “fugir” para o México, após serem ameaçados por funcionários do

governo cubano que, segundo eles, os advertiram de que poderiam ser punidos e presos pelas “difamações” feitas nas redes sociais digitais. Diferentemente da lógica inicial do caso, neste momento a mãe não postou nada no perfil do Instagram, mas ofereceu declarações exclusivas sobre as “ameaças” e a “fuga” aos principais meios de Miami e outros sites que acompanhavam o caso. Justo nesses dias, um comunicado do governo anunciou o resultado das investigações, apontando erros na manipulação e aplicação da vacina e indicando as medidas adotadas contra a equipe médico responsável.

Dada a extensão do fenômeno migratório transnacional entre os cubanos, resta ver como esses novos cenários virtuais poderiam chegar a mobilizar a grande maioria da população. Embora o “povo” cubano esteja quase que unicamente exposto a fluxos da informação governista na Ilha, existe também uma constante interação com familiares, amigos, ex-vizinhos que fazem parte da comunidade diaspórica. Esses fluxos paralelos ao poder hegemônico tendem a se tornar uma fonte de informação, experiência e disseminação de uma visão de mundo diferente daquela que o discurso oficial do governo cubano propaga como “adequada”. Por isso mesmo, entendemos que episódios comunicacionais como este nos apresentam as lógicas interacionais que, tentativamente, vão sendo construídas e originando um dispositivo que não é dado de antemão e que, portanto, não pode ser lido e tornar-se inteligível apenas por meio de códigos e signos já dados. Como salienta Braga (2020, p.35), “o discurso do dispositivo não é o dispositivo: o discurso pode ser uma marca das lógicas do dispositivo, mas tais lógicas - que mostram o sistema de relações - não são os determinantes de sua elaboração.” As operações de codificação feitas pela mídia televisiva, pelas redes sociais e pelas plataformas e seus algoritmos são constantemente desafiadas, obrigando o dispositivo a constantes ajustes. Por isso, “em situações opressivas, disciplinares, de controle - mas também nas táticas de resistência, de sobrevivência e de renovação, é preciso examinar - em cada situação - como os processos comunicacionais evitam modificações ou produzem rupturas, asseguram continuidade e descontinuidade, fazem avançar ou recuar, transformam, experimentam, inventam” (BRAGA, 2020, p.37).

### Considerações finais

Buscamos evidenciar, a partir de uma reflexão que toma como pano de fundo o contexto social e político atual de Cuba, como múltiplas espacialidades e temporalidades

podem ser articuladas por narrativas midiáticas que acionam fluxos dinâmicos de comunicação digital transnacional. Ativismos digitais elaborados em rede por diferentes pessoas (estejam elas ou não engajadas em movimentos sociais mais amplos) podem ter origem em testemunhos de injustiças tematizadas como danos de interesse coletivo. Tais testemunhos iniciam circuitos nos quais circulam informações que vão sendo revestidas de valores morais e, em seguida, vão alimentando um *dispositivo interacional* capaz de produzir arranjos que envolvem a agência de múltiplos atores em um contexto de comunicação transmidiática e transnacional.

Os processos simbólicos e narrativos acionados no caso da morte da menina Paloma colocaram em contato os fluxos migratórios e o engajamento dos cubanos em torno de um acontecimento cuja circulação produziu um *dispositivo (trans) midiático transnacional* de articulações que podem, ao mesmo tempo, figurar como operação de vigilância e de contestação de desigualdades e injustiças.

Sabemos que esses recursos tecnológicos que ampliam as possibilidades de ativismo tornam-se, ao mesmo tempo, instrumentos potenciais de vigilância e controle: “as dinâmicas de vigilância na Internet estão hoje intimamente atreladas às formas de participação dos usuários e aos embates que lhes correspondem” (BRUNO, 2013, p. 125). As ameaças sofridas pelos familiares de Paloma por agentes do governo revelam como o macrodispositivo de governamentalidade atuam fortemente sobre as vidas e sobre todo material produzido e compartilhado por seus usuários.

A tensão entre a livre enunciação, defendida como um direito do cidadão comum, e a visibilidade ainda normalizada de algumas práticas comunicacionais - como as que aparecem nas redes sociais -, adquire contornos mais intensos quando exploramos um pouco mais as questões que envolvem o testemunho do sofrimento e da violência de um sujeito, constituída pelo olhar do outro, a partir dos dispositivos tecnológicos. A experiência narrativizada de sofrimento apresenta aqui um caráter fortemente reivindicatório que não admite a suspeição ou a suspensão da palavra da vítima.

Uma grande questão a ser destacada é o modo como a circulação dessa experiência permite a elaboração de arranjos pautados por uma semiose guiada pelos afetos e pela empatia. “A vítima e sua experiência traumática designam uma realidade irrecusável associada a um sentimento de empatia que invade todo espaço moral das sociedades contemporâneas” (FASSIN; RECHTMAN, 2011, p. 17). O caso aqui examinado revela como o testemunho e seus modos de engajamento moral podem ser um elemento chave da criação de dispositivos interacionais capazes de questionar e transformar os códigos de linguagem

e os esquemas de inteligibilidade que definem quem fala, como fala e para quem fala em regimes marcados pelo controle midiático e pela restrição à participação política. Quando agimos e falamos nas redes, agimos sobre os códigos que determinam as condições dessa participação, redesenhando a forma como as operações institucionais habituais e seus agentes atuam, exigindo a revisão das normas e contestando sua hegemonia sobre o clamor da experiência daqueles que estão expostos ao desaparecimento e ao luto.

## Bibliografia

ALFONSO, L. M.; SÁNCHEZ, L. L. Migrantes y vida pública en Cuba: Estrategias transnacionales de ciudadanos cubanos residentes en Ecuador. **Regions and Cohesion**, 7(3), 8-29, 2017.

ALFONSO, L. M.; SÁNCHEZ, L. L. Migrantes y vida pública en Cuba Estrategias transnacionales de ciudadanos cubanos residentes en Ecuador. **Regions & Cohesion**, 2017, vol. 7, no. 3, p.8-29.

ALZAMORA, G.; BICALHO, L. Ativismo transmídia nas eleições 2018 no Brasil: a semiose de #CadêAProva. **Anais da COMPOS**, 2018.

ALZAMORA, G.; ZILLER, J.; D'ANDREA, C. Mídia e dispositivo: uma aproximação. In: LEAL, B.; CARVALHO, C. A.; ALZAMORA, G. (orgs). **Textualidades midiáticas**. Belo Horizonte: PPGCOM/UFMG, 2018, p. 59-82.

BRAGA, J. L. Dispositivos interacionais: lugar para dialogar e tensionar conhecimentos. **Dispositiva**, v.1, n.1, 2012, p.29-38.

BRAGA, J. L. Interagindo com Foucault - Os arranjos disposicionais e a comunicação. **Questões Transversais - Revista de Epistemologias da Comunicação**, v. 6, p. 81-91, 2018.

BRAGA, J. L. **Uma conversa sobre dispositivos**. Belo Horizonte, MG: PPGCOM/UFMG, 2020.

CAMMAERSTS, B. Activism and media. In: CAMMAERSTS B.; CARPENTIER, N. (eds). **Reclaiming the media: communication rights and democratic media roles**. Bristol, UK, Intellect, 2007 pp. 217-224.

ECKSTEIN, S. **The immigrant divide: How Cuban Americans changed the US and their homeland**. Routledge, 2009.

ESCUADERO, C. A construção e organização da Webdiáspora. **3º Encontro Regional Sudeste de História da Mídia-Mídia e Memórias do Autoritarismo**. Anais... Rio de Janeiro: ECO-UFRJ, 2014.

FASSIN, D.; RECHTMAN, R. **L'empire du traumatisme**. Enquête sur la condition de victime. Paris: Flammarion, 2011.

FOUCAULT, M. A ética do cuidado de si como prática da liberdade. In. **Ética, sexualidade e política**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004, p. 264-287.

FOUCAULT, M. Le jeu de Michel Foucault. Entrevista dada à revista *Ornicar*. In: **Dits et Écrits**, v.3 [1977], 1994, p.194-228.

FOUCAULT, M. **História da Sexualidade 1: A vontade de saber**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, [1976] 2017.

GARCÍA-MORENO, C; MUÑOZ, J. P. El «vivir transnacional» de los inmigrantes cubanos en España. **Migraciones**, 2012, 32, p.73-102.

GEORGE, É. « Dynamiques d'échanges publics sur Internet », dans JAURÉGUIBERRY, F. ; PROULX, S. (eds.). **Internet, nouvel espace citoyen ?** Paris, L'Harmattan, 2002, p.50-79.

GEORGE, É. « Quelles perspectives critiques pour aborder les TIC ? », **tic&société**, vol 8, n° 1-2, 2014, p. 9-29.

IPS. **Lo que no dicen las estadísticas sobre Internet en Cuba** (Online). 22 março 2018. Disponível em: < <https://goo.gl/BD2Cbv> >. Acesso em: 02 abril 2018.

KESSLER, F. **Notes on dispositif** [online]. Disponível em : <http://www.frankkessler.nl/wp-content/uploads/2010/05/Dispositif-Notes.pdf> . Acesso em: 15 janeiro 2020.

MAIA, R.; VIMIEIRO, A.; PRUDÊNCIO, K. (orgs.). **Democracia em ambientes digitais: eleições, esfera pública e ativismo**. Salvador: EDUFBA, 2018.

MARTINS, A. Experiência das narrativas Cross e transmidiáticas no webjornalismo. **Logos**, v.34, n.2, 2011, p.18-31.

MATTELART, T. Les diasporas à l'heure des technologies de l'information et de la communication : petit état des savoirs. **tic&société** [online], 3 (1-2), 2009. Disponible em : <http://journals.openedition.org/ticetsociete/600> . Acesso em : 20 março 2020.

ONEI. Capítulo 17: Tecnología de la información y las comunicaciones. In: **Anuario estadístico de Cuba**. 2017. Disponível em:< <https://goo.gl/kWXcfJ> >. Acesso em: 13/09/2017.

ONEI: Oficina Nacional de Estadísticas e Información de Cuba. **Salario medio en cifra Cuba 2018**, [online], 2019. Disponível em: [http://www.onei.gob.cu/sites/default/files/salario\\_medio\\_en\\_cifras\\_cuba\\_2018.pdf](http://www.onei.gob.cu/sites/default/files/salario_medio_en_cifras_cuba_2018.pdf). Acesso em: 25 junho 2020.

PÉREZ, F. M. ¿Qué redes sociales usan los cubanos?, [Blog] **Fonoma**, publicado em 16 maio 2017. Disponível em: <https://goo.gl/QYehrH>. Acesso em: 12/2020.

PROULX, S. « L'irruption des médias sociaux : enjeux éthiques et politiques » In: Proulx S., Millette M., Heaton L. (dir.) **Médias sociaux. Enjeux pour la communication**, Québec, Presses de l'Université du Québec, 2012, p.9-31.

PRUDÊNCIO, K. Das redes sociais às redes digitais: a trajetória do ativismo na internet. In: **Democracia em ambientes digitais: eleições, esfera pública e ativismo**. Salvador: EDUFBA, 2018, p.257-282.

RAMIREZ HERNANDEZ, E. B.; MARQUES, A. El debate público online en Cuba: sujetos interlocutores y politización de conversaciones sobre migración en el sitio Cubadebate. **COMMONS. Revista de Comunicación y Ciudadanía Digital**, v. 82, p. 80-121, 2019.

RAMIREZ HERNÁNDEZ, E. B. R.; ALTHEMAN, F.; MARQUES, Â. *et al.* Autonomia política como experiência comunicativa de bricolagem e práticas de resistência na gambiarra. **Comunicação, Mídia e Consumo**, 2018, vol. 15, no 43.

RAMÍREZ HERNÁNDEZ, E. B.; FAZITO, D. La question migratoire à Cuba : politisation de conversations en ligne. **Revue Française des Sciences de L'information et de la Communication**, v. 1, p. 1-15, 2019.

ROSA, A. P. Visibilidade em fluxo: os níveis de circulação e apropriação midiática da imagem. **Interin**, v.21 (2), 2016, p.60-81.

SANTAELLA, L. What is a symbol?, **SEED Journal. Semiotics, Evolution, Energy, and Development**, 5(1), 54-60, 2005.

SEDLMAYER, S. **Jacuba é gambiarra; A jacuba is a gambiarra**. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

STOICIU, G. Diaspora dans tous ses états : carte et territoire. In : Kane,O; Hsab, G. & Agbobli, C. **Identités diasporiques et communication**. Québec : Presse de l'Université du Québec, p. 9-28, 2013.

VERTOVEC, S. Conceiving and researching transnationalism. **Ethnic and racial studies**, 1999, vol. 22, no 2, p. 447-462.

**Como citar este artigo**

MARQUES, Angela Cristina Salgueiro; HERNANDEZ, Elisa Beatriz Ramirez. Vínculos migratórios e interações digitais: novos arranjos disposicionais na Cuba transnacional. **Revista Dispositiva**. [on-line] Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/dispositiva>> Editor Responsável: Conrado Moreira Mendes. Volume 9, Número 15, Belo Horizonte, julho de 2020, p. xxx-xxx. Acesso em “dia/mês/ano”.

**Texto recebido em:** 16/05/2020

**Texto aprovado em:** 15/06/2020